

Adélia Maria Freilão Pinhão nasceu a 5 de maio de 1952 em Alpiarça, no distrito de Santarém.

Licenciada em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, especializou-se em Medicina Geral e Familiar e em Medicina no Trabalho, com um percurso relevante na área do tratamento dos comportamentos aditivos e dependências.

Como médica do trabalho, foi responsável pela saúde no trabalho de um universo laboral de mais de 4000 trabalhadores e trabalhadoras do município de Loures, onde era uma pessoa muito querida por toda a gente e onde certamente a recordam com um carinho especial.

Mulher dotada de uma consciência cívica ímpar, lutou desde cedo em defesa do Serviço Nacional de Saúde e da Carreira Médica.

Tornou-se sócia do Sindicato dos Médicos da Zona Sul em 1986 e desde cedo se destacou como dirigente sindical, integrando os Corpos Gerentes do Sindicato até aos dias de hoje, com empenho e grande disponibilidade. Atualmente, assumia a Presidência da Mesa da Assembleia Geral.

A Adélia marcou também o percurso da luta feminista no nosso país. Fazia parte, desde a sua fundação, da UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta (que aliás convidámos para estar presente hoje). Esteve envolvida nos movimentos pela despenalização da IVG, tendo sido uma das 500 signatárias em 1998 da declaração exigindo a votação final da lei na Assembleia da República.

As pessoas que a conheceram de perto destacam de forma unânime as suas características marcantes:

- a sua dedicação e disponibilidade total
- a generosidade
- a solidariedade com os colegas
- o seu empenho e entusiasmo.

Foi sempre uma mulher progressista e de olhos postos no futuro. Não se acomodou com o passar do tempo; pelo contrário, sempre recebeu os médicos mais novos com entusiasmo, empenhava-se em transmitir-lhes os seus conhecimentos (quer científicos quer aqueles de ordem mais prática que nos facilitam o dia-a-dia no serviço), o que era uma grande ajuda na integração.

Conta um desses médicos, na altura um dos mais novos, que a primeira coisa a Adélia lhe pediu quando começou a trabalhar com ela foi que não a tratasse por doutora, e a segunda coisa que lhe pediu foi que a tratasse por tu.

A Adélia tinha um perfeito pragmatismo. Estava lá para resolver problemas e não para os criar, e era desta forma que ela trabalhava, um verdadeiro trabalho em equipa.

Era extremamente dedicada aos seus doentes, com um profundo conhecimento da sua realidade, o que é uma mais-valia no difícil contexto do tratamento das dependências, que ela escolheu abraçar. Sempre manifestou grande abertura e preocupação com as populações mais excluídas e mais vulneráveis e trabalhou para tornar as respostas em saúde mais próximas dessas pessoas.

Era uma pessoa de muito afeto, incluindo no trabalho, procurando que a equipa tecesse laços na sua multidisciplinaridade, ao mesmo tempo preservando a individualidade e as funções de cada um, bem como o rigor técnico que se impõe.

Quando pensamos na Adélia, pensamos numa mulher de grande generosidade, com “garra e vitalidade”, independentemente da idade que tinha, sempre “disponível para todas as lutas e todos os temas”. Era uma “motivadora nata”, com “capacidade de ir para a frente” e de levar os outros para a frente, mesmo nas lutas mais difíceis. Todas reconhecemos o seu riso contagiante e genuíno, que é a marca da alegria e do entusiasmo com que estava na vida, no trabalho e na luta.

Até sempre, Adélia.